

A OBSESSÃO PELA VIRILIDADE EM MÃOS DE CAVALO: PODER E RUÍNA

Anna Carolina Botelho Takeda (USP)¹

Resumo: Neste artigo pretende-se apontar como o fim trágico que se configura no romance *Mãos de cavalo*, de Daniel Galera, pode ser associado à necessidade de conservação de um modelo de virilidade imposto socialmente aos homens. Observa-se que o modelo de virilidade ao qual almeja o protagonista Hermano é sustentado pelos discursos construídos pela indústria cultural, pois sua obsessão por certa identidade heroica nasce do contato com os produtos culturais consumidos por ele na juventude. A virilidade e coragem exigidas dos homens, no entanto, vão levar o seu amigo à morte.

Palavras-chave: tragédia; virilidade; indústria cultural; *Mãos de cavalo*.

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma
infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma
[covardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse
[que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?
(Álvaro de Campos)

Com o fortalecimento das discussões de gêneros na contemporaneidade brasileira, sobretudo, em torno das questões feministas, corre-se o risco de polarizar

¹ Estudante no programa de pós-graduação Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo. Doutorado. E-mail: annacbt@hotmail.com.

os debates a ponto de desconsiderar que haja também opressão saliente vivida pelos homens quando a sociedade se constitui de forma machista. Longe de ignorar as violências específicas vivenciadas pelas mulheres e, evidentemente, desconsiderar que homens e mulheres sofrem situações abusivas em diferentes medidas, deseja-se observar como no romance de Daniel Galera, *Mãos de cavalo* (2006), a constituição de um ideal de masculinidade e a necessidade de corresponder a ele produzem o destino trágico da narrativa.

Daniel Galera, em *Mãos de cavalo*, explora traços de uma existência marcada pela busca da autoafirmação identitária fortemente amparada nos ideais de masculinidade constituídos nas sociedades patriarcais. O livro narra a história de Hermano, e em decorrência da fragmentação temporal do discurso narrativa, os leitores conhecem a história de diferentes momentos da vida do protagonista, sem que se respeite a linearidade temporal dos eventos. A história centra-se, no entanto, na adolescência do rapaz e nos seus trinta anos. Porém, logo nas primeiras páginas tem-se uma experiência traumática da infância do garoto de dez anos que sofre um tombo de bicicleta por experimentar sobrepor os seus limites. Essa experiência será a primeira de diversas outras similares que, como bem defende-se neste artigo, torna-se a questão central do romance, ou seja: a necessidade constante de Hermano buscar a virilidade, a bravura, o domínio técnico, a resistência e o heroísmo para, de alguma forma, consolidar-se socialmente e alcançar certa respeitabilidade que o seu jeito calado e introspectivo parecia não permitir. Nessa perspectiva, pode-se considerar que o livro traz a representação de ritos de passagem de um garoto que deseja firmar-se tal qual a imagem de homem que perpassa o seu imaginário.

O artigo "A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia" (2001), de Daniel Welzer-Lang, trabalha exatamente com essa ideia ao expor que, numa determinada idade, os garotos são obrigados a distanciarem-se das características femininas por serem elas consideradas de menor valor e enfrentarem uma série de rituais para poderem pertencer ao que o autor chama de "casa-dos-homens" (Welzer-Lang 2001: 462). Ou seja, lugares que são tomados pelos homens como espaços exclusivamente seus e que, para o novo homem poder fazer parte desse espaço, ele precisa ser modelizado por aqueles que já passaram por esses mesmos rituais. Para o autor, o aprendizado de homens e mulheres se dá por mimetismo, mas que, no caso dos homens se diferencia pelo mimetismo da violência. Assim, a inserção dos meninos no universo masculino é possível apenas por uma série de violências cometidas contra si e contra o outro, prevalecendo o abuso de forças físicas, mas não somente elas, uma vez que a transmissão de códigos e princípios pode ser também carregada de violência. Dessa forma, em cada sociedade, a iniciação dos homens se dá de uma maneira, mas o que prevalece em todas elas são sempre o abuso de força física e linguagem.

No romance, Daniel Galera cria diversos eventos em que se desenvolvem atividades facilmente associadas àquelas realizadas por homens. No entanto, pode-se notar o incômodo do protagonista quando se encontra no universo em que ocorrem esses eventos, pois ele tem consciência de não corresponder à figura masculina que possui como ideal. Destarte, sua resistência a esse universo é, ao mesmo tempo, desejo incipiente e contraditório de permanência. Desde pequeno ele possui certa inclinação e gana para superar seus próprios limites físicos, mas que estão ligados,

segundo o narrador, mais a uma obsessão pelo domínio de técnicas do que pelo heroísmo associado à virilidade. Na adolescência, momento de transformação e descobertas, em que o olhar do outro ganha um peso maior na noção que se tem de si, entretanto, essa obsessão por técnicas será usada a seu favor para o desenvolvimento de aptidões físicas capazes de impressionar os amigos, sobretudo, quando começa a frequentar a turma de jovens da vizinhança e passa a ter necessidade de adequar-se ao grupo que, de algum modo, exige dele uma outra postura. A vontade de criar essa nova identidade, por fim, salienta-se com a aproximação de Bonobo, rapaz que havia mudado recentemente ao bairro, e que lhe despertava admiração e repulsa porque parecia possuir o que lhe faltava: a virilidade.

Para o entendimento de virilidade, no entanto, toma-se o conceito de Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* para quem virilidade pode ser entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também aptidão ao combate e ao exercício da violência. Ainda segundo ele, virilidade é “uma noção eminentemente relacional, construída diante e para os outros homens e contra a feminilidade, num tipo de medo do feminino, e sobretudo de si mesmo”² (Bourdieu 1998: 56).

A masculinidade desejada

Bonobo³ é o menino mais temido do bairro e, mesmo tendo constituição física pouco privilegiada, apresenta grande habilidade em combates, pois, assim como descreve o narrador, não se intimida diante de ações violentas.

Apesar de não medir mais de um metro e setenta e cinco e de ser magro, com exceção da reserva adiposa abdominal que contrasta grotescamente com o resto do corpo, o Bonobo se movia como uma criatura do dobro de seu peso e tamanho. Os demais seres humanos eram obstáculos insignificantes. Ou melhor, tudo o que existe era um obstáculo insignificante. Vivia trombando nas pessoas e atropelando móveis e vasos de planta, jamais pedindo desculpas ou virando o pescoço para conferir o estrago. Não estava nem aí. Era o tipo de sujeito que pisa em um caco de vidro e continua andando de chinelo o dia todo, completamente à vontade, deixando atrás de si um rastro de pegadas sanguinolentas (Galera 2010: 35).

Há, no romance, eventos narrativos em que se observa a descrição de atividades que exigem das personagens inclinação à competição, sobretudo, quando são elas atividades físicas, mas não somente, uma vez que os campeonatos de

² Tradução livre realizada pela autora.

³ Cabe ressaltar que o nome da personagem remete às ressonâncias do primitivo, uma vez que é constituído pela repetição de um dos primeiros fonemas da língua, construídos pelos lábios, no caso, o fonema /b/ e a repetição do fonema /o/. Tais fonemas são aqueles que primeiro aparecem no desenvolvimento da língua devido ao baixo grau de complexidade exigido do aparelho fonador. Desse modo, a escolha do nome da personagem reflete uma característica significativa de seu caráter, ou seja, certo primitivismo, pois apresenta dificuldade em manter a racionalidade em todas as suas ações. Assim, como o próprio som de seu nome suscita, Bonobo demonstra, em vários momentos da narrativa, certo primitivismo, uma vez que age guiado pelo instinto.

videogame são uma das atividades favoritas de Hermano e que também incitam a rivalidade entre os seus participantes. Porém, dentre as competições a que mais instiga o protagonista são aquelas que necessitam força física dos competidores. Ele está sempre atento à constituição física daqueles que o rodeiam, observando músculos, habilidades, e desempenho diante de obstáculos. Ademais, adolescente, ele se exercita com levantamento de alteres para definir o próprio corpo, o que mostra o seu cuidado em relação à sua constituição física e a consciência de que um corpo desenvolvido e forte é instrumento social de poder.

Se no começo da narrativa tem-se a descrição de um tombo do protagonista aos dez anos em que competia consigo mesmo, na adolescência aparecem as corridas, o campeonato de futebol, as competições de bicicleta, os jogos eletrônicos e as brigas entre turmas rivais. Portanto, a competição sem embate físico, num primeiro momento, passa a ser a competição com o outro. Já na idade adulta, as competições continuam presentes no cotidiano de Hermano. A escalada será a atividade esportiva praticada por ele com certo metodismo e seriedade, e o desejo por desafios mais proeminentes vai levá-lo até mesmo a aceitar o convite do amigo Renan a uma expedição pioneira para escalar o Cerro Bonete sob neve.

Daniel Galera elabora eventos que marcam o processo de amadurecimento do garoto no qual a competição contribui para a formação de sua identidade masculina. Interessante ressaltar como há nesse romance a representação de práticas que envolvem apreço de seus participantes pela violência que constitui esses torneios. Para a sua realização, eles precisam apresentar um domínio do próprio corpo, a vontade absoluta pela velocidade e o desprendimento da dor. Sobre esse aspecto retoma-se novamente a ideia de Daniel Welzer-Lang para quem os esportes são atividade fulcral à inserção dos meninos na “casa-dos-homens”. Essas atividades físicas exigem dos garotos o respeito hierárquico pelos mais velhos e o aprendizado para suportar a dor e o sofrimento. Um dos objetivos desse processo é o distanciamento do comportamento feminino considerado inferior.

Aprender a jogar hockey, futebol ou base-ball é inicialmente uma maneira de dizer: eu quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e portanto eu quero me distinguir do oposto (ser uma mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças. É também aprender a respeitar os códigos, os ritos que se tornam então operadores hierárquicos. Integrar códigos e ritos, que no esporte são as regras, obriga a integrar corporalmente (incorporar) os não-ditos. Um desses não-ditos, que alguns anos mais tarde relatam os rapazes já tornados homens, é que essa aprendizagem se faz no sofrimento. Sofrimentos psíquicos de não conseguir jogar tão bem quanto os outros. Sofrimentos dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente. Os pés, as mãos, os músculos... se formam, se modelam, se rigidificam por uma espécie de jogo sadomasoquista com a dor. O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra e sem “amaldiçoar” – para integrar o círculo restrito dos homens. Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos,

movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem (Welzer-Lang 2001: 463).

Bonobo surge como alter ego oposto de Hermano e será responsável, assim como sugere Daniel Welzer-Lang, por despertar a vontade do garoto para pertencer ao lugar destinado aos homens e aceitar todo o “capital de atitudes” (Welzer-Lang 2001: 463) necessário para se fazer como um deles. Hermano, no entanto, é capaz de respeitar os códigos desse universo, mas apresenta uma grande dificuldade em expor-se perante o outro, o que o faz ter consciência da falibilidade de sua masculinidade. Ele entende as hierarquias, por isso, subordina-se de algum modo a Bonobo, suporta a dor e até mesmo exercita-se para aguentá-la, mas sente dificuldades em colocar-se como protagonista de ações heroicas que envolvem disputa física com alguém. Dessa forma, fica sem um componente central responsável por constituir a identidade masculina – o poder.

Tem-se na narrativa um capítulo chamado “Bonobo” em que se descobre o discreto enfrentamento do protagonista com esse garoto. Isso acontece quando Hermano e Bonobo, em times de futebol opostos, aquele como zagueiro, para atravancar o avanço deste, atacante, joga o seu corpo para impedi-lo de chegar ao gol, numa jogada que se distanciaria da técnica, e aproximar-se-ia de um simples ato de violência. Após o ocorrido, Bonobo ordena que Hermano não o olhe, porque se o fizesse, perderia todos os dentes da boca. O rapaz acata a ordem do adversário, mas o narrador evidencia o seu desejo de afrontá-lo e provocar uma briga. Hermano sofre por não possuir a coragem para combatê-lo assim como gostaria, o que o leva a executar mais uma vez o seu masoquismo solitário, pois ao chegar em casa após a partida de futebol, ele tranca-se no banheiro e simula uma luta corporal consigo mesmo, imaginando ser a luta que poderia ter tido com Bonobo. Sai ferido dessa simulação, e o leitor é levado a acreditar que há um prazer nisso, pois atitudes semelhantes serão repetidas como forma de aliviar alguma tensão. Por fim, ele parece desenvolver uma espécie de patologia em que a dor física extrema será sinônimo de prazer e até mesmo reparação de covardias.

O fascínio por Bonobo será exposto pelo narrador em diversos momentos da narrativa, sobretudo, quando Hermano cria estratégias para dele se aproximar e manter o contato na expectativa de tornarem-se amigos. No trecho transcrito abaixo, observa-se a oposição do caráter de ambos e a admiração que Hermano desenvolve pelo garoto cujas atitudes são respeitadas pela sua bravura. Mesmo não gostando muito de jogar futebol, é a figura de Bonobo, a possibilidade de ficar perto dele, que o motiva em grande medida à atividade. O narrador reforça essa ideia com a seguinte observação: “Por mais medo ou repulsa que provocasse nos outros, qualquer interação com ele tinha sabor de um privilégio” (Galera 2010: 42).

Hermano não gostava muito de jogar futebol. Era um zagueiro medíocre que uma ou duas vezes por ano, no máximo, por pura sorte, conseguiu fazer um gol, dando um chutão do fundo da quadra. Suas motivações para participar dos jogos eram imprecisas até para ele mesmo [...]. Havia, porém, algo mais. Algo que agora vinha correndo em sua direção como se buscasse uma trombada proposital. Algo que

olhava nos seus olhos e sorria um sorriso de intimidação. Algo a que Hermano só se expunha tão abertamente naqueles jogos de bola, onde os diferentes níveis de agressividade inerentes ao temperamento de cada jogador eram ajustados, pela própria natureza do jogo, ao redor de um denominador comum. Nas partidas de futebol do campinho, Hermano podia, até certo ponto, se aproximar de Bonobo. Podia olhar para ele de perto, observar seu olhar semiereto e suas feições símiás (Galera, 2010: 36).

Diante de Bonobo, Hermano se martiriza pela covardia, pois o seu jeito contido e prudente evidencia-se. Pelo demérito de não possuir a bravura de seu adversário, por meio de um discurso indireto livre, ele comenta: “provocar o Bonobo e depois fugir da briga era inadmissível e humilhante” (Galera 2010: 42). No fundo, o que deseja Hermano é o poder de Bonobo e o respeito que possui frente à turma, pois o garoto parece construir para si uma imagem do mundo dividido entre vencedores e perdedores, sendo Bonobo o vencedor e ele, o perdedor. Em outras passagens da narrativa, pode-se pensar que o protagonista interpreta o contato, tanto com Bonobo, quanto com os outros meninos, como se fosse um combate de guerra. Diante de tal evidência é necessário iluminar outro aspecto da narrativa que contribui para o entendimento da personalidade do protagonista e a sua obsessão pela busca de um modelo de masculinidade que se completa apenas quando se está ao lado dos vencedores. Esse aspecto relaciona-se à forte adesão do rapaz às ideologias dos discursos das narrativas produzidas pela indústria do entretenimento que cria, com grande frequência, a figura dos vencedores e dos perdedores.

A virilidade forjada pela indústria cultural

Em *Mãos de cavalo* existem referências a filmes, marcas, brinquedos, jogos e outros elementos produzidos pelo mercado do entretenimento que, de alguma forma, incitam a violência e a competição brutal, mais enfaticamente, entre os meninos. Assim, a alusão a produtos que fizeram sucesso entre os jovens nos anos 1980 colabora para que o autor construa a personalidade de Hermano e a sua obsessão por certo heroísmo, uma vez que a personagem parece imersa num universo permeado pelo gênero de ação que exige dureza, retidão, tenacidade, força, frieza dos meninos. Segundo a pesquisadora Maria Celeste Mira, o que une os temas masculinos dos produtos culturais é a ênfase na ação. “Seja na literatura, no cinema, na televisão ou nas revistas, os temas e fórmulas que capturam o consumidor masculino são quase sempre os mesmos: a aventura, a violência – bases, por exemplo, do gênero policial – e o erotismo” (Mira 2003: 28).

Hermano é aficionado por esses brinquedos, jogos de videogame, jogos de computador que surgiam na época como novidade e filmes de ação direcionados ao público masculino. Ele cita os bonecos da série *Comandos em ação* inspirados nos combatentes de guerra e em seus arsenais bélicos. Em mais de uma passagem da narrativa, imagina que a sua vida é um filme de ação em que seus desafios são superados com bravura. Parece não desejar visualizar a barreira que divide o possível e o impossível, o real e o imaginário, e por isso coloca-se em situações

limites que acarretam graves acidentes. Um desses eventos acontece quando decide descer em grande velocidade a escadaria da praça com a certeza de que o resultado dessa atitude seria uma grave queda. Hermano tem consciência dessa queda e planeja-a visualizando uma cena heroica similar ao de um filme.

Mesmo assim continuou pedalando mais e mais. Sabia que ia cair. E todos iam ver ele cair. Enquanto descia, teve consciência de que era apenas isso que o movia a descer aquela escadaria tantas vezes, a possibilidade da queda, de se arrebentar no chão [...] A única coisa que veio a sua mente foi a cena de um filme: o último dos interceptores V8 capotando no deserto apocalíptico, saltando e rodopiando como em um solo de ginástica olímpica [...] os inimigos descendo o barranco para conferir se ele ainda estava vivo. Os espectadores correndo para socorrer o herói do filme. O filme. A cena ficou perfeita. A maquiagem não podia ter sido mais realista. Como o sangue é uma coisa bonita, pensou antes de desmaiar (Galera 2010: 92).

Na cena descrita acima é possível notar a referência ao filme *blockbuster Mad Max*. Os “interceptores V8” que o narrador menciona são os carros utilizados pelo protagonista da série de filmes, Max Rockatansky. Nessa narrativa, a mulher e o filho do protagonista são mortos e ele, embevecido por uma espécie de descontrole e loucura, assim como o protagonista nesse momento da queda, parte para ações heroicas que envolvem sempre altas velocidades. Como em outras passagens da narrativa, Hermano se espelha em filmes para dar encaminhamento às suas ações. Fica evidente a importância dessas narrativas em sua vida, uma vez que irão influenciá-lo até a idade adulta.

Pode-se notar que esse mundo segmentado entre vencedores/heróis e perdedores que Hermano formula em mais de um evento encontra raízes nessas representações da indústria cultural que, com o seu encanto, reforça a bipolarização entre bons e maus, heróis e bandidos, fortes e fracos. Esses filmes incitam no protagonista a busca pela virilidade ideal, pois o imaginário de Hermano é construído à base das ideologias vendidas pela indústria cultural, responsável, em larga medida, por salientar a discrepância entre os gêneros masculinos e femininos devido ao direcionamento de seus produtos para públicos específicos⁴. Nessa necessidade de forjar uma identidade para si e livrar-se daquela que é sua, o jovem inspira-se nesses heróis da ficção e, com dificuldade de admitir, naquele que considera corresponder, na realidade, aos heróis dos filmes de ação, Bonobo, para tentar ser o herói da história.

Aos poucos, através de pequenos gestos desse tipo, quem sabe não conseguisse se transformar paulatinamente em outra pessoa, alguém

⁴ “Embora, no Ocidente moderno, tenda a diminuir a distância que separa o mundo masculino do mundo feminino, ainda é grande a sua oposição no universo da cultura popular de massa. Essa diferença, que não esgota a problemática do gênero em campos mais intelectualizados, está entre as mais importantes para se compreender os produtos da indústria cultural, tanto nos seus conteúdos como em suas formas” (Mira 2003: 28).

menos calado, que conseguisse incorporar na trama da própria vida a belíssima violência das graphic novels coloridas, a virilidade e o magnetismo dos heróis de seus filmes favoritos, a fluidez selvagem das ações e palavras de alguém como... era preciso confessar agora, não apenas para si mesmo mas para todo mundo – alguém como o Bonobo, essa figura quase caricata em sua feiura, cujo maior talento era agredir os outros, mas que encarnava como ninguém algum tipo de ideal obscuro a que Hermano desejava ter acesso (Galera 2010: 121).

Bonobo então se aproxima do ideal de masculinidade formulada por Hermano, ou melhor, reproduzindo suas próprias palavras, da “virilidade” e do “magnetismo” dos heróis de filmes que tem como referência. Esses heróis são imbatíveis e sempre conseguem a glória final por causa de seu comportamento viril, daí servirem como exemplo obsessivamente perseguido por jovens como o protagonista. No entanto, a fantasia idealizadora dos *happy ends* de filmes americanos não se reproduzirá do mesmo modo na narrativa de sua própria vida. A masculinidade que nos filmes de ação contribui para o destino heroico das suas personagens, em *Mãos de cavalo*, vai ser responsável pelo aniquilamento daquele que seria para o protagonista, o seu herói.

A tragédia responde ao heroísmo

Na festa de aniversário de quinze anos de Isabela, Bonobo vai protegê-la dos assédios de Uruguaio provocando uma enorme briga em que este garoto sairá fortemente agredido e humilhado. Como revanche, entretanto, Uruguaio planeja uma vingança e o resultado dela é a morte por traumatismo craniano de Bonobo. Isso acontece quando Hermano e o garoto, voltando à noite após irem a um bar comprar vinho para uma reunião noturna que acontecia entre os garotos e as garotas do bairro, são perseguidos por alguns jovens, entre eles, Uruguaio. Bonobo cai em um buraco e tem a sua cabeça chutada pelos garotos até a morte. Diferentemente do exagero das narrativas americanas de ação, sozinho, Bonobo não consegue se defender e é brutalmente assassinado (havia a lenda de que um dia se defendera sozinho de vários garotos). Em contrapartida, Hermano, ao invés de correr para socorrer o colega, esconde-se e presencia sua morte. Ao contar para os outros amigos que aguardavam pelo vinho, por fim, não revela que se acovardara e para isso, mais uma vez, antes de chegar onde estava a turma, machuca-se propositalmente para simular uma briga entre ele e o grupo de agressores. Ele mente e diz que tentara defender o colega.

Pierre Bourdieu (1998) defende que os homens possuem privilégios, mas que também esses privilégios exigem esforços para serem mantidos, uma vez que são obrigados a viverem sob uma tensão e contenção permanentes, às vezes até mesmo chegando ao absurdo, pois é imposto a esses homens o dever de afirmar a sua virilidade em todas as circunstâncias (1998). Dessa forma, em *Mãos de cavalo* observa-se esse absurdo, mas em grau máximo, pois o comportamento constantemente viril de Bonobo causa-lhe a própria morte. E se a covardia, oposta à bravura necessária num comportamento considerado viril, foi a escolha de Hermano, ela também terá

um alto custo para o protagonista porque o que faz é afirmar aquilo do qual desejava livrar-se – sua própria identidade – que não se inclinava a um comportamento considerado viril. Assim declara:

Inúmeras vezes, nos últimos anos, tinha interrompido sei lá o que estivesse fazendo pra procurar o primeiro local reservado e encolher os ombros, cerrar os punhos, socar paredes e às vezes até liberar uma ou duas lágrimas com o desejo de que fosse possível voltar no tempo e defender o Bonobo do espancamento que resultou na sua morte, nem que isso implicasse a sua própria morte, porque era a coisa certa a fazer, a atitude que o homem que ele gostaria de ter sido teria tomado naquelas circunstâncias, à revelia das consequências (Galera 2010: 177).

Nessa narrativa, o fim trágico está associado ao modelo de virilidade incessantemente cobrado, de diversas maneiras, dos garotos no seu microcosmo. Sugere-se que, com a morte de Bonobo, Daniel Galera aponta para a impossibilidade de sobrevivência de um ideal de masculinidade alicerçado na violência, pois, de certa forma, é o comportamento próximo a esse ideal, o responsável pelo fim trágico de Bonobo. Sua morte, neste artigo, então, é entendida como a metáfora da falência da masculinidade ligada a certo primitivismo que sobrevive de forma acentuada, principalmente, nas sociedades cuja dominação masculina existe sem enfrentar resistências e questionamentos consideráveis que possam evitar o destino adverso daqueles que a valorizam e a nutrem sem medida.

Após o assassinato do colega, Hermano isola-se em casa e busca concentrar-se nos estudos para o vestibular. Um dos critérios que utiliza para escolher o curso na faculdade é o grau de dificuldade que ele apresenta para o ingresso, optando, então, pelo curso de Medicina, o mais concorrido entre eles. Tanto para fugir da situação traumática que o perturba, ou seja, a covardia diante da morte de Bonobo, como para alcançar, de alguma forma, poder e glória, assim como consegue, já que passa em primeiro lugar no vestibular, Hermano tenta reparar a falta de coragem para os embates físicos, com outro poder cobrado dos homens – o intelectual e o econômico – uma vez que passar no curso de Medicina lhe renderia os dois ao mesmo tempo (importante ressaltar que Hermano não escolhe a Medicina apenas por esses fatores, mas também porque tem grande apreço às técnicas e às lesões corporais)⁵. “Foi pesquisar qual era o curso superior mais difícil da universidade mais exigente do estado [...] Se tornaria um médico. O melhor médico” (Galera 2010: 127).

No entanto, mesmo conseguindo êxito nos quesitos intelectual e econômico, transformando-se num cirurgião plástico promissor, na parte da narrativa em que já está com trinta anos, ele ainda se sente cobrado no que concerne ao seu desempenho

⁵ Para Pierre Bourdieu, não são apenas as “propriedades materiais” que garantem o poder aos indivíduos, mas os títulos profissionais e escolares, pois são também formas de poderes simbólicos capaz de classificarem os homens em “espaços sociais” distintos. Os títulos escolares são atestados pelo o que o sociólogo denomina de “instância universal”, ou seja, conhecidos e reconhecidos por todos e possuidores de reconhecimento jurídico. “O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, leal (e não apenas legítimo)” (Bourdieu 2007: 148). Dessa forma, eles são imprescindíveis para a obtenção de poder.

físico. Isto é, a pressão em relação à comprovação da própria virilidade é tamanha que, mesmo conseguindo o poder simbólico referente à posição social terá que provar para si que é capaz de enfrentar corporalmente outro homem.

O último capítulo da narrativa chama-se “O enterro”. Nele, tem-se a descrição do enterro de Bonobo e o destaque da dificuldade de Hermano em lidar com a própria covardia diante de todos, sobretudo, diante dos pais do garoto. O livro fecha-se, então, com o que há de mais trágico e fúnebre na história, a morte⁶. Porém, o narrador induz o leitor à compreensão de que o protagonista aprendera uma lição diante desse evento trágico, ou seja, a necessidade de não mais buscar um tipo de virilidade, que, de algum modo, seria a virilidade que levara o seu colega à morte. Na frase final da narrativa, o narrador reproduz o pensamento do garoto e aponta para a possível compreensão de que seria inútil a busca por aquilo que lhe faltava, a virilidade *standard*, como bem formula Pierre Boudieu. Assim, ele finaliza: “Não seria necessário fingir nunca mais” (Galera 2010: 188).

Como se apontou em outra passagem deste artigo, o anacronismo da narrativa mostra o contrário do que imaginara ao pensar nessa frase, uma vez que dois capítulos à frente, lidos então anteriormente, quando o narrador retoma a vida adulta de Hermano, descobre-se que ele desistira de seguir em direção à casa do amigo buscá-lo para que partissem à expedição no Cerro Bonete, e seguira para o antigo bairro residencial em que habitara. Coincidentemente, chegando ao local, presencia uma disputa muito parecida com aquela vivida por ele e por Bonobo na adolescência. O rompimento cronológico possibilita, nesse caso, o acirramento da ambiguidade na narrativa e a abertura para o leitor questionar-se acerca da veracidade do que o narrador diz na frase final do romance. Essa frase, de impacto, parece já estar em descrédito, pois os fatos anteriores já desmentiram essa sua observação, o que nos leva a pensar na necessidade constante de Hermano simular identidades para si com o intuito de ser, de algum modo, aceito socialmente.

Diferente da postura tomada pelo adolescente Hermano, ele agora enfrenta bravamente esse grupo e salva o menino que poderia ter sido brutalmente agredido. Essa passagem, no entanto, confirma que a frase final é uma espécie de engodo do narrador, pois Hermano não havia deixado de forjar uma virilidade que não possuía. Consta-se que os desafios esportivos continuaram sendo uma obsessão, ou seja, a busca da “casa-dos-homens”, na qual a mulher, Adri, não se inseria⁷ e o “guardião” dessa casa é Renan, um homem cuja virilidade é evidente, dono exatamente de uma academia esportiva e emissor de frases como: “maravilha seu viadinho! aquela montanha vai ser nossa!!!pinta na academia hoje e vamos conversar. jah viu a gostosa que entrou na aula de spinning!?!?” (Galera 2010: 47). Renan existe na narrativa como

⁶ Para Raymond Williams o conceito de tragédia está arraigado à morte, porém reconhece que no argumento trágico contemporâneo não é ação necessária, o que o leva a pensar no “ressurgimento do mal” (Williams 2002: 84). Na narrativa de Daniel Galera, portanto, a tragédia se estrutura em torno do seu elemento mais expressivo, a morte.

⁷ Segundo Daniel Welzer-Lang, “estaríamos enganados se limitássemos a análise da casa-dos-homens à socialização infantil ou juvenil. Mesmo adulto, casado, o homem, ao mesmo tempo que “assume” o lugar de provedor, de pai que dirige a família, de marido que sabe o que é bom e correto para a mulher e as crianças, continua a frequentar peças da casa-dos-homens: os cafés, os clubes, até mesmo as vezes a prisão, onde é necessário sempre se distinguir dos fracos, das femezinhas, dos “veados”, ou seja, daqueles que podem ser considerados como não-homens (Welzer-Lang 2001: 465).

uma espécie de duplo de Bonobo que é capaz de levar Hermano para escaladas e aventuras responsáveis por romperem o seu cotidiano disciplinado. No entanto, o protagonista, nesse momento da vida, parece não mais buscar o modelo de masculinidade que possui o amigo, mas não se pode negar também que, assim como se sabe, ele é o seu melhor amigo, ou seja, a pessoa mais próxima, além de Adri. Desse modo, questiona-se novamente a respeito da necessidade de Hermano em ter, ao menos por perto, contato com aquele antigo modelo de virilidade ao qual almejava.

Embora ele diga no final que nunca mais precisaria fingir, o que se sabe sobre a sua postura e caminhos trilhados, desmente a frase. Tanto é verdade que precisou de alguma forma reparar aquele trauma ligado à sua covardia batendo de forma cruel nos garotos até mesmo com um *piolet* de alpinismo que se encontrava em seu carro. Daí retomar a fantasia em torno dos heróis de cinema que motivavam as fantasias adolescentes.

Dirigindo seu veículo por uma terra hostil até que o acaso lhe dá a oportunidade de fazer justiça com sua bravura. Salvou a vida daquele garoto, e agora estão indo ao local onde aguardarão até que suas feridas cicatrizem. É o momento dos filmes, das histórias em quadrinhos e dos livros de aventura em que o homem descobre sua verdadeira natureza e se torna herói (Galera 2010: 154).

Considerações finais

Na contracorrente das discussões de gênero presentes na atualidade, em que, sobretudo, a figura feminina está em destaque como vítima de uma série de opressões gerada pelo machismo, Daniel Galera constrói um romance em que a tragicidade da narrativa existe para constatar que nas sociedades machistas, há também, em grande medida, o aniquilamento dos homens que não se enquadram no padrão de virilidade historicamente designado a eles.

Aponta-se com este artigo que há no romance, *Mãos de cavalo*, a representação da ruína do modelo de masculinidade em que a virilidade é o elemento determinante. Na narrativa interpreta-se a morte de Bonobo como a metáfora da falência desse modelo, uma vez que a personagem é brutalmente assassinada por possuir um comportamento viril. Em contrapartida, de maneira diferente, mas também hostil, a busca pela virilidade vai atormentar o protagonista Hermano que, consciente da falta de inclinação para uma postura violenta em relação ao outro, tenta forjar para si uma identidade que não lhe cabe, demonstrando, então, certa dificuldade para se inserir no que Daniel Welzer-Lang denominou como a “casa-dos-homens”. Porém, mesmo tendo consciência dessa sua limitação, fica evidente na narrativa, a dificuldade do protagonista de ignorar as normas sociais que, de algum modo, direcionam-no à busca da masculinidade.

Um fator que não pode ser ignorado para se entender o sofrimento do garoto diante da impossibilidade de atingir o seu ideal de masculinidade é a forte pressão gerada pelos discursos produzidos nas narrativas de entretenimento da indústria cultural que sustentam a sua formação cultural. Incentivando os garotos sempre a

um comportamento heroico, esses produtos agem no sentido de relacionar o heroísmo, a bravura, a audácia, a valentia, ao gênero masculino e acabam, com isso, estimulando os garotos à busca desses ideais rígidos. Isso acontece com Hermano, mas, ao contrário dos finais gloriosos dessas narrativas, sua procura pela virilidade acaba obrigando-o a experimentar situações que acirram seus dramas. Dessa forma, as características masculinas que compõem a virilidade e são, de algum modo, ainda enaltecidas socialmente, no romance de Daniel Galera, são responsáveis pelo quadro trágico da narrativa, pois é a procura desmedida pela virilidade que vai aniquilar as personagens.

THE OBSESSION FOR VIRILITY IN *MÃOS DE CAVALO*: POWER AND RUIN

Abstract: This paper intends to show the possible association between the tragic end of the novel *Mãos de Cavalo*, wrote by Daniel Galera, and the virility model that is socially imposed to men. The virility model aspired by the protagonist Hermano is a creation of the cultural industry and is built from action movies and heroic behavior to which he was exposed during his childhood. However, the virility and the courage demanded by men will result in the death of his friend.

Keywords: tragedy; virility; cultural industry; *Mãos de cavalo*.

REFERÊNCIAS

- BOUDIEU, Pierre. *A distinção crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOUDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOUDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Saint-Amand-Montrond, Édition du Seuil, 1998.
- GALERA, Daniel. *Mãos de cavalo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. *Cadernos Pagu* [online], n. 21, p. 13-38, 2003.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ARTIGO RECEBIDO EM 28/07/2015 E APROVADO EM 14/12/2015